

50 ANOS DA CONSTRUÇÃO

UnB organiza uma série de publicações que inclui obras sobre a história de Brasília e uma biografia de Oscar Niemeyer

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Os motivos são vários e bastante significativos: os 50 anos do começo da construção de Brasília, os 20 anos do tombamento da cidade (em 2007), os 100 anos do arquiteto Oscar Niemeyer (em 2007), os 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Para tanta celebração, a Faculdade de Arquitetura e a Editora da Universidade de Brasília (UnB) lançam o projeto editorial Brasília, 50 anos, conjunto de 15 publicações a serem editadas até 2010 sobre a nova capital, vida e obra de Niemeyer, a história do Iphan. E pretendem reeditar o precioso e esgotado Registro de uma Vivência, autobiografia intelectual, profissional e afetiva de Lucio Costa, editada pela primeira vez em 1995. Organizadora da série junto com o professor Andrey Schlee, a professora Sylvia Ficher diz que algumas das obras são projetos ca-

ros, que necessitam de recursos institucionais. O livro sobre Niemeyer, por exemplo, terá um levantamento exaustivo da obra projetada e da obra construída do arquiteto. O sobre Lucio Costa é um conjunto de textos, croquis, fotografias, desenhos, pinturas, manuscritos e riscos do arquiteto e urbanista. O diretor da editora da UnB, Henryk Siewierski, informa que o primeiro livro sairá no início do ano que vem: O Capital da Esperança, de Gustavo Lins Ribeiro (leia texto abaixo).

* A PARTIR DESTA EDIÇÃO, O CORREIO PUBLICARÁ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS UMA SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE OS 50 ANOS DO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA.

O sofrido capital da ESPERANÇA

Mário Fontenelle/Arquivo Público - 3/9/59



OPERÁRIOS SENDO LEVADOS DO ALOJAMENTO PARA OS CANTEIROS DE OBRAS. AO FUNDO, O 28, COMO ERA CHAMADO O CONGRESSO NACIONAL

DEPOIMENTOS (DO LIVRO O CAPITAL DA ESPERANÇA)

UM SERVENTE

“Só peão. Aqui só morava peão. Quando vinha mulher aqui (no acampamento) todo mundo... era uma gritaiada maior do mundo, uma berradeira, era grito, assobia, isso e aquilo outro. As mulher num queria vir praqui não. Família não queria vir praqui não. Num tinha muiê, num tinha nada. Num tinha coisa nenhuma de muiê. Vinha umas nega véia lá de Luziânia, de Formosa naquele 28 (Congresso Nacional), naquele ministério que tava fazendo. E fazia fila. Pega, agarrava na mão d'um, um em cima do outro, e o outro esperando. Era no cerrado, porque aquilo era tudo cerrado.”

UMA MULHER

“Em 57 que começou a vir muita gente. Cinquenta e sete a gente num podia nem sair na rua. Ah, os home pegava a gente. É. Nessa

época tinha umas três mulhé aqui em Brasília, né. Então nós ajuntava as três mulhé e ia de noite lá pra beira do córrego de noite lavar roupa, mas tinha que os home ficar lá perto porque... invadia, sabe? Às vezes eu saía assim na porta da rua que tinha um restaurante, era bem na esquina né, eu saía puxando pela rua abaixo. Nós gritava aí os home saía correndo pra acudir, eu vou te falar uma coisa. Ô lugar terrível.”

GUARDA DA GEB

— Como é que se fazia pra convidar o pessoal pra trabalhar na GEB?
— Tinha lá um capitão, sei lá, um tenente, uma coisa, dizia: o senhor quer trabalhar, quer sentar praça? O senhor mata?
— Ele perguntava o quê?
— O senhor mata? Não. O senhor quer tirar

praça? Ai eu digo: não, senhor, obrigado’.

— Mas por que ele o convidou?
— É que o pessoal chegava do Norte, que aqui tinha pouca praça pra GEB. Ele convidava o povo pra vir. Mas gente que fosse... que num tivesse medo de nada, que fosse malvado mesmo, num tivesse medo de nada. Porque aquilo era pra pegar e o pau comer. Que nos quarter tinha escrito: é mentiroso o preso que entrou aqui e dizer que num apanhou.”

CACHAÇA

— Tomava cachaça como?
— Numa xícara. Chegava, pedia um cafezinho numa barraquinha dessas ali pegado nos ministérios. Ai a gente gostava de uma pinga e dizia: bote um cafezinho. E aí já sabia: quando pedia cafezinho era uma pinga, pingava lá a pinga.”

eram instituições totais porque os operários viviam sobre controle constante. “Neles, os trabalhadores dormiam, tinham lazer, comiam. Eram controlados dentro e fora do acampamento. São condições muito extremas. A própria obra é uma atividade extrema, que cria condições extremas.”

A revelação das circunstâncias nas quais os operários construíram a nova capital não anula a importância da obra para o fortalecimento do sentido de nacionalidade. “Brasília é muito mais Brasil. É fruto do esforço de brasileiros, mais do que qualquer outra cidade”, diz Ribeiro. “No âmbito do planejamento das cidades, só pode ser comparada a Washington (construída no começo do século 19), por suas dimensões urbanísticas e arquitetônicas.” O professor lembra que no século 20 construíram-se cidades na Índia, na África e na Austrália, “mas nenhuma com o caráter grandioso, original e acabado de Brasília”.

Mas essa conquista custou muito aos operários. Horários extenuantes de trabalho, condições insalubres de moradia, riscos de acidentes, ausência das famílias, alimentação precária. Ribeiro revela que as empresas preferiam homens jovens, saudáveis e sem família. Quando da grande seca do Nordeste em 1958, milhares de flagelados buscaram os canteiros de obra da nova capital. Mas foram rejeitados. O autor reconstituiu, a partir do depoimento dos operários, três acampamentos, um dos quais se transformou na Vila Planalto.

Ainda sem data certa para ser publicado no Brasil, O capital da esperança foi editado na Argentina, em setembro passado, pela editora Antropofagia, sob o título El capital de la esperanza — La experiencia de los trabajadores en la construcción de Brasília. Passados 26 anos da defesa da dissertação, o texto é best-seller de fotocópias na UnB.

PRATELEIRA BRASILIENSE (TÍTULOS DA SÉRIE BRASÍLIA, 50 ANOS)

✓ O capital da esperança: 1956-61, de Gustavo Lins Ribeiro. A construção de Brasília na perspectiva dos operários.

✓ Registro de uma vivência, Lucio Costa. Terceira edição da autobiografia intelectual e afetiva de Lucio Costa.

✓ Projetos para Brasília: 1927-1957, de Jefferson Tavares. Pesquisa sobre as diversas propostas urbanísticas para a nova capital.

✓ Da nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma

capital, de Laurent Vidal. Tradução do livro De Nova Lisboa à Brasília: l'invention d'une capitale, Paris, Institute des Hautes Études de l'Amérique Latine).

✓ Superquadras de Brasília, Farès El-Dahard, organizador. Edição em português do livro Brasília's Superquadra (Harvard Design School e Editora Prestel, 2005). Coletânea de artigos sobre as superquadras que Lucio Costa inventou para Brasília.

✓ Oscar Niemeyer, 100 anos. Sylvia Ficher e Andrey Schlee, organizadores. Coletânea de artigos de

autores brasileiros e estrangeiros com levantamento exaustivo da obra do arquiteto.

✓ Do Sphan ao Iphan, 1936-2006. Andrey Schlee, organizador. Coletânea de artigos traçando um panorama da atuação do Iphan ao longo de 70 anos com perfis de alguns de seus principais integrantes.

✓ Nauró Esteves, arquiteto e urbanista, de Cristiana Garcia. Livro baseado na dissertação de mestrado da autora. Traz a trajetória do arquiteto que chefou o escritório de Oscar Niemeyer no Rio

de Janeiro e que é autor de alguns dos principais marcos arquitetônicos de Brasília.

✓ A propósito de Brasília, de Augusto Guimarães Filho. Livro de memória do diretor de Urbanismo da Novacap, engenheiro responsável pelo detalhamento do projeto de Lucio Costa para o Plano Piloto.

✓ A gênese do Plano Piloto de Brasília, Maria Elisa Costa. Apresentação crítica dos croquis e textos elaborados por Lucio Costa durante a criação do projeto de Brasília, acompanhado de material

inédito pertencente à Casa de Lucio Costa, além de coletânea de outros escritos do urbanista sobre a cidade, Brasília revisitada entre eles.

✓ Arquitetura residencial em Brasília, de Ana Paula Ávila. Livro baseado na dissertação de mestrado da autora. Apresenta histórico da formação dos principais bairros residenciais de Brasília (Iagos Sul e Norte, Mansões Parkway) e um panorama de sua arquitetura.

* Há ainda mais quatro, cujos títulos não foram definidos.